

# NOVE POEMAS DE SAFO

## NINE POEMS OF SAPPHO

CARLOS LEONARDO BONTURIM ANTUNES\*

**Resumo:** Desde a antiguidade, a lírica de Safo é reverenciada entre os mais belos exemplos de poesia. Hoje, para apreciá-la, encontramos muitas barreiras: a língua grega por si só (com todos os seus referenciais que nos são estranhos e/ou desconhecidos), o estado fragmentário dos poemas, a perda da música que os acompanhava, etc. Nas traduções que apresento aqui, procuro criar uma ponte para o lirismo desses poemas a partir da própria tradução, usando soluções poéticas para recriar a poesia.

**Palavras-chave:** tradução poética, Safo, ritmo, métrica.

**Abstract:** Since Antiquity Sappho's lyric poetry has been admired as among the most beautiful examples of the genre. Nowadays we face many obstacles to the appreciation of them: the Greek language to begin with (with all the references that to us may be strange or unknown), the fragmentary state of the poems, the loss of their accompanying music etc. In the translations here presented, I try to bridge the gap between us and the lyricism we find in the poems by using poetical solutions in the translation so as to recreate the poetry.

**Keywords:** poetical translation, Sappho, rhythm, metrics

### SOBRE AS TRADUÇÕES

Apresento aqui nove poemas de Safo, dos quais cinco (Fr. 2, Fr. 5, Fr. 16, Fr. 17 e Fr. 34) são compostos em estrofes chamadas sáficas. Para esses, segui a mesma solução empregada anteriormente<sup>1</sup> para os fragmentos 1 e 31, traduzindo-os com estrofes formadas por três versos decassílabos (mas com acentos na terceira, na quinta e na oitava sílaba) e um verso dactílico de quatro sílabas, com os quais procuro imitar o ritmo dos poemas originais (os quais possuem estrofes de três versos – u – x – u u – u – x seguidos de – u u – x). Para os outros, também busquei soluções rítmicas, mas sem uma preocupação tão grande em imitar exatamente o metro original. Nos poemas mais fragmentários, adicionei suplementos às lacunas quando possível, sendo

---

\* Carlos Leonardo Bonturim Antunes é Investigador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade de São Paulo. E-mail: anaxandron@hotmail.com

<sup>1</sup> Antunes (2011).

que acresci o Fr. 34 de uma estrofe inteira, a qual reflete a interpretação corrente de como seria o restante do poema. Para o Fr. 168B, ofereço uma tradução mais tradicional e outra mais minimalista e experimental. A edição usada para todos os fragmentos é a da Loeb, editada por Campbell (2002).

SAFO FR. 2

Cá pra mim, de Creta, para este templo  
 Sacro, junto ao teu gracioso bosque  
 De maceiras -- onde em altares queima  
 Sempre um incenso,  
 Água escorre gélida pelos galhos  
 De maceiras, sendo por rosas tudo  
 Sombreado, um sono profundo flui das  
 Folhas brilhantes,  
 Brotam flores primaveris num prado  
 Onde pastam potros e os ventos sopram  
 Gentilmente junto das folhas novas  
 Entre suspiros --  
 Para lá, tomando o teu carro, Cípris,  
 Vem verter o néctar nas taças áureas  
 Delicadamente onde estão permistas  
 As nossas festas.

δεῦρό μ' ἐκ Κρήτας ἐπ[ὶ τόνδ]ε ναῶν  
 ἄγνων, ὅππ[α τοι] χάριεν μὲν ἄλσος  
 μαλί[αν], βῶμοι δὲ τεθυμιάμε-  
 νοι [λι]βανώτω·  
 ἐν δ' ὕδωρ ψῦχρον κελάδει δι' ὕσδων  
 μαλίνων, βρόδοισι δὲ παῖς ὁ χῶρος  
 ἐσκίαστ', αἰθουσομένων δὲ φύλλων  
 κῶμα κατέρρει·  
 ἐν δὲ λείμων ἰππόβοτος τέθαλεν  
 ἠρίνοισιν ἄνθεσιν, αἰ δ' ἄηται  
 μέλιχα πνέουσιν |  
 | |  
 ἔνθα δὴ σὺ . . . ἔλοισα Κύπρι  
 χρυσίαισιν ἐν κυλίκεσσιν ἄβρωσ  
 ὀμμεμίχμενον θαλίαισι νέκταρ  
 οἰνογόαισιν

Cípris e Nereidas, em segurança  
 Dai que o meu irmão para cá me chegue  
 E que tudo por que no peito anseia  
 Se realize.

Do que no passado ele errou livrai-o.  
 Que ele seja o júbilo dos amigos  
 E o pesar dos seus inimigos, não nos  
 Dando mais dores.

Dai também que queira mostrar respeito  
 Para a irmã, deixando de lado os tristes  
 Sofrimentos que ele sofrera outrora  
 Por conta própria.

Que as acusações infundadas vindas  
 Dos vizinhos ele jamais escute,  
 Demonstrando ter confiança pelo  
 Que lhe dizemos.

Finalmente, Cípris augusta, deixa  
 Ir embora a mágoa que tu nutriste  
 Dele no passado e protege-o contra  
 Maus sofrimentos.

Κύπρι καὶ Νηρηίδες ἀβλάβη|ν μοι  
 τὸν κασί|γνητον δ[ό]τε τυΐδ' ἵκεσθα|ι  
 κῶσσα ρ|οι θύμοι κε θέλη γένεσθαι  
 πάντα τε|λέσθην,  
 ὅσσα δὲ πρ|όσθ' ἄμβροτε πάντα λῦσα|ι  
 καὶ φίλοισ|ι φοῖσι χάραν γένεσθαι  
 κώνιαν ἔ|χθροισι, γένοιτο δ' ἄμμι  
 πῆμ' ἔτι μ|ηδ' εἶς·  
 τὴν κασιγ|νήταν δὲ θέλοι πόησθαι  
 ἔμμορον| τίμας, ἴον|ιαν δὲ λύγραν  
 ἴστοισι π|ά|ροισ' ἀχεύων  
 | . να  
 | . εισαίω|ν| τὸ κέγγρω  
 |λ' ἐπαγ|ορί|αι πολίταν  
 |λλως| . . . |νηκε δ' αὐτ' οὐ  
 |κρω| |  
 |οναικ| |εο| | . ι  
 | . | . |ν· σὸ [δ]ὲ Κύπ|ρ|ι σ|έμ|να  
 |θεμ|έν|α κάκαν |  
 |ι.

Uns dirão que é a hoste de cavaleiros;  
 Outros, que é armada que sobre a terra  
 Negra é o que é mais belo, mas eu direi:  
 É aquilo que se ama.  
 Isso é algo que se convém a todos  
 Com facilidade, porque a mais bela  
 Dos mortais, Helena, deixou pra trás  
 O seu marido,  
 Nobilíssimo, e navegou pra Troia  
 Sem pensar no filho ou nos pais queridos.  
 Esquecida de tudo o mais, o amor  
 A carregou  
 Delicadamente por sobre o mar,  
 Para muito longe de quem a amava.  
 E sua história agora me evoca ausência  
 De Anactória.  
 Muito preferia mirar seus passos,  
 Contemplar o brilho de seu semblante,  
 Do que ver fileiras de carros Lídios  
 E seus guerreiros.

οἱ μὲν ἰπήων στρότον οἱ δὲ πέσδων  
 οἱ δὲ νάων φαῖσ' ἐπι| γᾶν μέλαι|ν|αν  
 ἔ|μμεναι κάλλιστον, ἔγω δὲ κῆν' ὄτ-  
 τω τις ἔραται·  
 πά|γγυ δ' εὔμαρες σύνετον πόησαι  
 π|άντι τ|ο|ῦτ', ἂ γὰρ πόλυ περσκέθοισα  
 κάλλος [ἀνθ|]ρώπων Ἑλένα [τὸν ἄνδρα  
 τὸν [πανάρ|]ιστον  
 καλλ|ίποι|σ' ἔβα ἕς Τροίαν πλέοι|σα  
 κωῦδ|ἐ παι|ῖδος οὐδὲ φίλων το|κ|ήων  
 πά|μπαυ| ἐμνάσθη, ἀλλὰ παράγαγ' αὔταν  
 |σαν  
 |αμπτον γὰρ |  
 | . . . κούφως τ| |οησ| . |ν  
 . . |με νῦν Ανακτορί|ας ὀ|νέμναι-  
 σ' οὐ| παραιοίσας·  
 τᾶ|ς κε βολλοίμαν ἔρατόν τε βᾶμα  
 κάμάρυγμα λάμπρον ἴδην προσώπω  
 ἢ τὰ Λύδων ἄρματα κᾶν ὄπλοισι  
 πεσομ|άχεντας.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> O texto continua de forma extremamente fragmentária nos dois versos seguintes. Depois deles, há um fragmento do verso 32:

Junto a mim, que faço esta prece, mostra  
 Tua forma grácil, senhora Hera,  
 Para quem rezaram os reis ilustres  
 Filhos de Atreu  
 Quando terminaram os muitos feitos  
 Ao redor de Troia e depois no mar,  
 Definindo rumo para esta ilha  
 Sem a alcançarem  
 Antes de invocarem-te e ao Súplice Zeus  
 E ao querido filho da ardente, Tiona.  
 Ora sê gentil e me presta auxílio  
 Tal como então.

πλάσιον δὴ μ' | εὐχομέναι φανείη,  
 πόντι' Ἥρα, σὰ χ|αρίεσσα μόρφα,  
 τὰν ἀράταν Ἀτ|ρεΐδαι κλη-  
 τοι βασιλῆες·  
 ἐκτελέσαντες μ|άλα πόλλ' ἄεθλα,  
 πρῶτα μὲν πέρ Ἥ|λιον, ἔν τε πόντωι,  
 τυιδ' ἀπορμάθεν|τες ὄδον περαιίνην  
 οὐκ ἐδύναντο,  
 πρὶν σὲ καὶ Δί' ἀντ|ίαιον κάλεσσαι  
 καὶ Θυῶνας ἱμε|ρόεντα παῖδα·  
 νῦν δὲ κ|ᾶμοι πραϋμένης ἀρηξον  
 κὰτ τὸ πάλ|αιον.<sup>3</sup>

]. μεν οὐ δύνατον γένεσθαι

]. ν ἄνθρωπ[... π |εδέχην δ' ἄρασθαι

. . . τ' ἐξ ἀδοκῆ|τω. (v.32)

<sup>3</sup> O texto continua de modo bastante fragmentário:

ἄγνα καὶ κά|λα  
 π|αρθ|εν  
 ἀ|μφι. |  
 ἔμμενα|ι  
 ἴ|ρ' ἀπικε|σθαι.

## SAFO FR. 34

As estrelas velam seu brilho em torno à  
Bela lua quando ela surge em sua  
Plenitude máxima de esplendor  
Por sobre a terra.

[Mesmo que brilhassem há pouco, lindas,  
Elas se recolhem também, cientes,  
Tuas companheiras quando chegas,  
Ícone à lua.]

ἀστερες μὲν ἀμφὶ κάλαν σελάνναν  
ἄψ ἀπυκρύπτοισι φάεννον εἶδος  
ὄπποτα πλήθοισα μάλιστα λάμπη  
γᾶν

## SAFO FR. 114

“Virgindade, virgindade, pra onde foste e me deixaste?”  
“Jamais eu voltarei pra ti, jamais eu voltarei.”

παρθενία, παρθενία, ποῖ με λίποις' ἀποίχη;  
† οὐκέτι ἤξω πρὸς σέ, οὐκέτι ἤξω †.

## SAFO FR. 115

Noiva querida, com que posso por fim comparar-te?  
Vou comparar-te por bem a um delicado brotinho.

τίω σ', ὃ φίλε γάμβρε, καλῶς εἰκάσδω;  
ὄρπακι βραδίνω σε μάλιστ' εἰκάσδω.

## SAFO FR. 121

Mas, caso fores meu amigo,  
Toma o leito de alguém mais jovem,  
Pois eu não posso suportar  
Ser a mais velha num casal.

ἀλλ' ἔων φίλος ἄμμι  
λέχος ἄρνυσο νεώτερον·  
οὐ γὰρ τλάσομ' ἔγω συνοί-  
κην ἔοισα γεραιτέρα

A lua já se mergulhou  
 No mar e as plêiades também.  
 É meia-noite e as horas vão  
 Passando enquanto eu deito só.  
 A lua ao mar  
 E as plêiades.  
 É meia-noite  
 E estou sozinha.

δέδυκε μὲν ἃ σελάννα  
 καὶ Πληιάδες· μέσαι δὲ  
 νύκτες, παρὰ δ' ἔρχετ' ὥρα,  
 ἔγω δὲ μόνα κατεύδω.

Recebido em novembro 2013

Aceito em junho 2014

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

ANTUNES, C. Leonardo B. *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas*. São Paulo: Humanitas, 2011.

CAMPBELL, David A. *Greek Lyric I*. Cambridge – London: Harvard University Press, 2002.